

**Em busca do Nariz do Pinóquio  
a educação como arma de intervenção contra a indiferença**

**Eunice Macedo<sup>1</sup>**

**Resumo**

Neste trabalho, tomamos excertos de peças de teatro trabalhadas com crianças e jovens, em contexto de educação formal e reguladora, mostrando como os textos podem ser criados e (re)criados, para a reabilitação do prazer e das possibilidades de desenvolvimento de uma reflexividade crítica acerca do social. Afastamo-nos, deste modo, da ideia da educação como trabalho de (re)produção disciplinadora, para situarmos o trabalho educativo numa dimensão de produção cultural, através da exploração e alargamento das margens de liberdade relativa das e dos educadores e das e dos educandos, apesar dos diferentes constrangimentos institucionais e individuais. Afirmamos, ainda, as possibilidades de exploração dos discursos segundo uma dinâmica de ludicidade e expressividade, no sentido da desconstrução dos 'óbvios inquestionados', propondo a exploração dos processos relacionais e da multiplicidade expressiva do corpo e da voz, vividos numa dimensão de liberdade, auto-construção, e auto-narração, os quais surgem mediados pela vivência colectiva e sustentados na tomada da experiência pessoal. Nesta perspectiva, o trabalho educativo é sustentado no reconhecimento e respeito pelas diferentes identidades das e dos indivíduos – tomadas como fractais de enriquecimento experiencial - sendo enraizado num ideário de construção partilhada, criatividade, imaginação e expressividade.

*"(...) uma educação progressista jamais pode, (...) em nome da ordem e da disciplina, castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser. (...) é neste sentido que devo aproveitar toda a oportunidade para testemunhar o meu compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático."*

Freire (2000: 33-34)<sup>2</sup>

Fazemos aqui uma reflexão acerca de peças de teatro trabalhadas *com* crianças e jovens, em contexto de educação formal, procurando mostrar como os textos podem ser criados e (re)criados, no sentido da reabilitação do prazer e das possibilidades de desenvolvimento de uma reflexividade crítica acerca do social. Afastamo-nos da ideia da

---

<sup>1</sup> Instituto Paulo Freire de Portugal. Mestranda da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Investigadora na APEM (Associação Portuguesa de Estudos sobre Mulheres).

<sup>2</sup> Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. (1ª Edição). S. Paulo: UNESP.

educação como trabalho de (re)produção disciplinadora, para situarmos o trabalho educativo numa dimensão de produção cultural, através da exploração e alargamento das margens de liberdade relativa das e dos educadores e das e dos educandos.

Afirmamos as possibilidades de exploração das obras segundo uma dinâmica de ludicidade e expressividade, no sentido da desconstrução dos 'óbvios inquestionados', propondo vivenciar os processos relacionais e a multiplicidade expressiva do corpo e da voz, numa dimensão de liberdade, auto-construção, e auto-narração, mediados pela vivência colectiva e sustentados na tomada da experiência pessoal. Nesta perspectiva, o trabalho educativo apoia-se no reconhecimento e respeito pelas diferenças entre as e os indivíduos – tomadas como fractais de desenvolvimento - sendo suportado por um ideário de construção partilhada, criatividade, imaginação e expressividade.

Embora os trabalhos desenvolvidos tenham um forte enraizamento teórico que nos leva a questionar o "acaso", procurar gerir o inesperado e promover o imprevisível, não cabe neste espaço fazer a exploração teórica dos pressupostos que deram corpo aos propósitos de intervenção e exploração lúdica, mas trazer à luz algumas estratégias utilizadas para dar o salto da regulação para a construção colectiva, da reprodução para a produção, da mecanização à libertação da corporalidade, da memorização simples à compreensão reflexiva.

Ao longo de mais de dez anos, trabalhámos tipos distintos de textos, actualmente compilados na obra "*Prazer de Fazer: o lúdico-pedagógico no trabalho com crianças e jovens ou um trabalho de intervenção*", na qual se faz também uma forte reflexão sobre os mesmos e se dão pistas para o desenvolvimento de cenários, de adereços e guarda-roupa, para a orientação das e dos jovens actores ... em suma se desenvolvem possíveis guiões para a (re)criação destes trabalhos com outros grupos.

Deste modo, em conluio com o "prazer de fazer" e provocando a reflexão dialógica sobre eles, procuramos desconstruir e recontextualizar, *com* os grupos, textos de autores - de que resultou a introdução de comentadores críticos a essas histórias; e elaborámos textos a partir dos "desejos de ser" das e dos participantes, que combinámos, como pontos de partida e de crescimento das histórias.

Cabe questionar, no entanto, se a verdadeira liberdade estará em não ir à escola, não ter que fazer, não interiorizar as rotinas e a disciplina do trabalho, não aprender conteúdos sem significado... simplesmente crescer! Como pensava Pinóquio. Cabe questionar, também, cientes dos constrangimentos com que somos sobrecarregados no actual contexto sócio-económico e cultural, que se repercute e é repercutido no campo educativo, se será possível não ir à escola e desenvolver, mesmo assim, estratégias que nos permitam sobreviver, neste mundo.

Com as devidas reticências, não é a posição de Pinóquio a que defendemos neste texto. Tomamos como suposto que a escola, as escolas, se podem tornar espaços privilegiados de exercício do poder, do poder relativo de cada um e uma de nós na prática do quotidiano, e também de contra-poder, pois ao instalarmos uma perspectiva de questionamento crítico, transformador do *status quo* no trabalho educativo nos armamos, e podemos ajudar a armar crianças e jovens para agirem como actores de uma mudança social, urgente e necessária.

A prossecução deste objectivo necessita apenas de uma pequena mudança. Uma mudança que pode começar em cada um ou uma de nós, ajudando-nos a *ser* de outra forma, a questionar em vez de afirmar, a ouvir em vez de falar, a partilhar em vez de impor, ensinando-nos, em suma, que é possível “não cruzar os braços”.

### **1. A abordagem no processo de construção colectiva**

Defendemos, assim, o desenvolvimento de relações de carácter horizontal entre todos os e as intervenientes, sustentadas numa tomada de decisões partilhada e negociada, que poderão abrir caminho a uma maior implicação por parte das e dos participantes, ao desenvolvimento do conhecimento intra e interpessoal, podendo, por outro lado, conduzir a níveis de formação mais profundos, mais significativos, ao permitir a tradução da expressão pessoal através da linguagem dramática.

Este modo relacional deverá estar presente em todos os momentos, seja na exploração do texto ou na selecção de músicas e de canções, seja na movimentação das e dos actores em cena, seja na criação de danças e movimentos – que pode ser geradora de certo acanhamento, pois a relação com o corpo não é muito trabalhada ou é feita, às vezes, segundo modalidades estereotipadas; seja ainda na opção por um determinado tipo de papel – enfatizando-se que não existem “papéis principais” mas antes estruturas que permitem a cada criança/jovem o desempenho de papéis igualmente importantes e adequados às suas possibilidades; seja ainda na decisão do quando e como fazer.

A responsabilização das crianças e jovens em relação a áreas específicas como a criação de cenários simples, a organização do guarda-roupa a elaboração de programas, a criação de um logótipo... colaborando em equipas, numa perspectiva de complementaridade, permite o reconhecimento de que todos/as temos saberes que podemos potenciar e partilhar.

Propõe-se, deste modo, uma gestão democrática do trabalho que poderá também trazer a aprendizagem da participação e da decisão cívica em conluio com o de prazer de construir um projecto comum.

### **2. Propostas metodológicas de exploração**

A metodologia de exploração obedece à regra da flexibilidade, devendo fluir de acordo com as características do grupo, das pessoas envolvidas e do tipo de peça que o grupo opte por desenvolver.

Os projectos podem começar com encontros em que se debate com os grupos o seu interesse em participar, se pedem propostas para modos de fazer e se estabelece um ‘contrato’ informal de realização, um compromisso que envolva as e os participantes no cumprimento de algumas regras, a estabelecer pelo próprio grupo, com a colaboração dos adultos. Aprende-se a “tomada de decisão”, decidindo, aprende-se a “participação” participando.

O debate acerca da peça a trabalhar e a distribuição de papéis podem também transformar-se em momentos ricos de aprendizagem e de prazer. Deverão respeitar-se as

opções dos/das participantes, argumentar sobre elas, alimentar a discussão. Alguns preferirão actuar, outros elaborar os cenários e adereços, outros fazer o apoio de cena ou colaborar indiscriminadamente em todas as áreas... o que permitirá começar a formar as primeiras equipas de trabalho.

A criação de danças e movimentos com música, a exploração de canções, bem como a prática de alguns jogos de expressão dramática, de reconhecimento/encontro de si e do outro, os jogos de comunicação não verbal, de exploração sonora e de prática respiratória e as técnicas de relaxamento poderão dar um forte contributo ao permitir a afirmação de si, a criação de um sentido de pertença e de bem-estar, e a desinibição da relação com o corpo, como elementos essenciais a uma construção criativa da acção.

A etapa final poderá corresponder à articulação de todas as peças do puzzle para a criação de um todo significativo, cujo fio condutor resulta da acção do grupo sobre a proposta inicial.

### **3 - Os textos**

O texto está vivo. Deverá ser compreendido, transformado, adaptado às e aos actores, às suas preocupações e realidades - apropriado. Nada do que é dito ou descrito deve ficar inquestionado, nada é definitivo. A interpretação tem que ser reflexiva: dar a opinião em vez de descrever a acção: "O que quer isto dizer? Porque é que a personagem fez aquilo? Se fosses tu, como é que dizias/fazias isto?", "De que é que gostas mais?", "De que outra forma se poderia resolver isto?"...

Estruturas fráscas e vocabulário deverão adequar-se aos seus níveis de linguagem, através da substituição por outros, mais ou menos complexos, sendo também desejável a inclusão de apartes que vão surgindo. Poderá começar-se com uma leitura dialogada, interrompida quantas vezes for necessário, uma primeira discussão das ideias e o delinear de quem gostaria de fazer o quê... a partir daí... o percurso depende da interacção, da decisão e da acção do grupo.

Em síntese, o grupo, as e os indivíduos que o constituem, estão no centro da acção e da decisão. O "prazer de fazer" sobrepõe-se à lógica instrumental e mecanicista da produção de trabalho. O trabalho final, que pode ou não ser apresentado, surge como consequência natural de um processo dialógico e participado.